

A dias tento transpor em palavras o que senti ao ler – te, Carolina. Palavras tuas, que revelam minuciosamente seus sentimentos. Não se trata de personagens fictícios, mas sim, personagens que viveram a partir de suas percepções sobre a vida, cada frase narrada por ti.

Não consegui perceber o Ser mulher, Carolina. Só consegui perceber a mãe e o ser humano que diariamente tinha sua dignidade posto à prova. Senti que a mulher Carolina precisou se anular para sobreviver. Nem mesmo quando rejeitaste o pedido de “casamento”, consegui sentir em suas justificativas o Ser mulher aflorado.

Mas há dores que só as mulheres reconhecem, sem mesmo serem ditas! E quando se trata das dores das mulheres pretas, a ausência de palavra significa muito! É um ciclo vicioso e danoso que se perpetua a séculos. E com isso, nós, mulheres pretas, nos reconhecemos nas dores que sentimos e carregamos desde a infância.

Uma mulher preta retinta, com 3 filhos, sobrevivendo! Três filhos que não fizeste sozinha. Cada qual com sua história; cada qual que conheceu uma fase de Carolina. Filhos nos engrandecem enquanto mulher, mas também nos anulam.

E és aqui, que pouso minhas palavras. Sei que encontraste em suas escritas o afago que necessitaste em momentos inquietantes. Agradeço pela sua escrita, mas gostaria que tivesse sentido um abraço sincero, uma palavra amiga: um conforto que nos revigora!

Senti angústia ao ler cada frase escrita por ti! Não devo e não irei enaltecer a mulher que foste pela vida sofrida que tiveste! Você não merece ser elogiada por isso! Acredito que nenhum ser humano deveria ser elogiado pelas privações que passaram na vida e muito menos ter sua história de vida como exemplo de mérito.

Mas enaltecerei a sua perspicácia; a sua inteligência; a sua garra, que dentro de suas possibilidades fez o possível pela sua sobrevivência e dos teus filhos; por não desistir do sonho em se tornar escritora; por ser uma excepcional leitora do mundo e dos livros!

Como Dandara, como Tereza de Bengala, como Esperança Garcia, como Maria Felipa dos Reis, como Maria Firmina dos Reis e tantas outras mulheres pretas que fizeram a história do nosso país, fincaste o seu nome como excepcional escritora negra do Brasil.

Não precisaste se transformar em homem para ter seu nome fincado na história; e apesar de não poder concretizar o seu sonho de infância em ser professora, tornar-te uma!